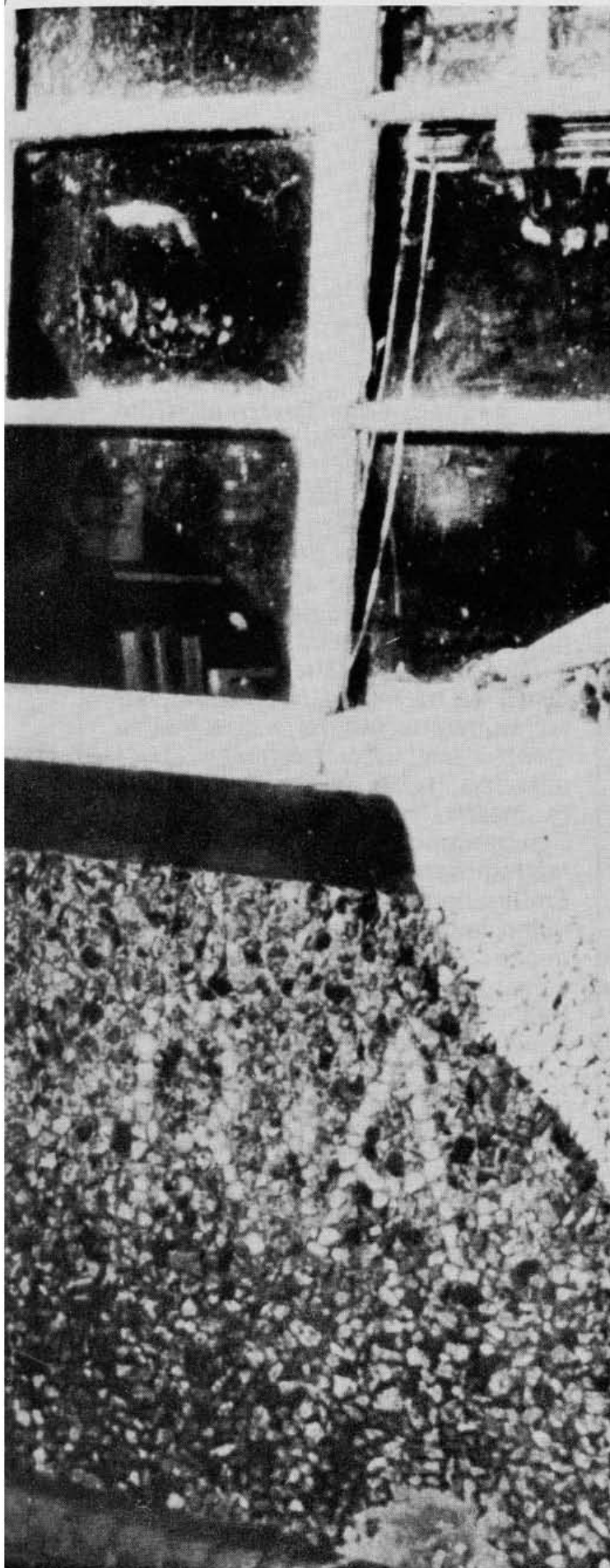


DEPOIMENTOS



Eu, verdadeiramente, não sei exprimir o sentimento, a tristeza, que todos nós tivemos com o falecimento de Paulo Emílio. Quando falo nós, refiro-me à minha gente, porque durante os estudos que fez do meu começo de cinema em Cataguases, a maneira com que nos tratou a todos fez com que ele se incorporasse à nossa família. Era como se fosse um filho ou um irmão. Por isso sua morte foi um acontecimento tristíssimo para todos nós. O que eu acho admirável é a forma com que ele em poucos anos levantou a evolução econômica da Zona da Mata e aí inseriu os dados sobre o começo de um cinema brasileiro, do qual participei.

Por tudo isso sinto-me profundamente emocionado em estar falando sobre ele.

No seu último livro, "Três Mulheres de três PPPês", que gentilmente me enviou, dizia na dedicatória: Para D. Bêbe e Humberto com o afeto do velho e **fiel** Paulo Emílio. Ora, esse **fiel**, para mim, tem uma força muito grande.

Humberto Mauro, (Volta Grande, M.G.)

Conheci Paulo Emílio Salles Gomes quando assumi o cargo de Diretor da EMBRAFILME, em 1974, mas já acompanhava seus trabalhos especializados em Cinema, e, assim, foi fácil, espontâneo, cordial, o nosso relacionamento.

Visitei-o, algumas vezes, na Cinemateca instalada no Parque Ibirapuera, em São Paulo, onde discutimos problemas de recuperação de filmes, com o propósito de auxiliá-lo na nobre missão que ele se impôs a si mesmo: o de salvar a memória cinematográfica brasileira.

Era um ardente defensor do Cinema Brasileiro, embora sem nenhum ranço de xenofobia. Sua compreensão do fenômeno da imagem animada era amplo, universal. Mas não transigia na reabilitação ou revitalização dos valores brasileiros revelados através da chamada Sétima Arte.

Este aspecto de sua personalidade, unido ao saber que possuía sobre história, estética e crítica de Cinema, muito o recomendam ao nosso reconhecimento.

Aprecio as idéias, admiro as pessoas sérias. Os que dedicam sua vida a um ideal superior que os dignificam perante a coletividade e, por isso, merecem o nosso apreço.

Paulo Emílio Salles Gomes é uma dessas expressões. Seu trabalho aí está para ser prosseguido. Seu exemplo de brasileiridade consciente pode constituir o melhor estímulo para o desenvolvimento de um Cinema Brasileiro autêntico, rico de todas aquelas expressões de paisagem natural, de paisagem hu-

mana e social que dão força e colorido ao Brasil — ao povo brasileiro.

Leandro Góes Tocantins, (Rio)

Eu o conheci há muito tempo, mas, não mantive com ele o contato que desejava, porque ele sempre viveu em São Paulo e eu no Rio. Mas, foi Paulo Emílio a pessoa que realmente sistematizou a pesquisa cinematográfica entre nós. Isso está no livro que publicou, sobre Humberto Mauro, e que é realmente um livro exemplar. Toda pesquisa sobre cinema brasileiro (e mesmo outras, sobre fatos ou figuras importantes de nossa cultura) tem que tomar o livro de Paulo Emílio como padrão. Foi um trabalho feito com muito amor e carinho e isso é importante: amar a coisa que se investiga. E essa postura ele a transportava para outras atividades, como o magistério.

Espero que alguma coisa tenha ficado nas anotações de seus alunos e nutro mesmo a esperança secreta de que seu trajeto São Paulo—Brasília—São Paulo (universitário) tenha sido anotado por um colega ou aluno observador e que seja transformado em livro ou ensaio num futuro não muito remoto.

Paulo Emílio era um homem que veio de um desinteresse quase total pelo cinema brasileiro até uma paixão violenta. O cinema brasileiro, para ele, não existia até o momento em que pressentiu a importância do que estava sendo feito aqui, nesse setor. Partiu para a des-

coberta de Humberto Mauro num trabalho que ultrapassou os limites da coisa histórica, indo ao pessoal e ao emocional.

Alex Viany, (Rio)

Conheci Paulo Emílio mais ou menos em 1958, 1959, num curso que ele estava dando junto com Lourival Gomes Machado e Rudá Andrade na Cinemateca. E a participação dele, posso dizer, criou uma verdadeira revolução na minha vida. Como professor, Paulo Emílio tinha a grande vantagem de estimular as pessoas e de nunca impor ou tentar impor as suas idéias. O que fazia era tentar que as pessoas se checassem a si mesmas e para isso nos questionava fazendo com que desenvolvêssemos nossas próprias idéias.

Acho que, como professor e como animador, Paulo Emílio foi certamente o anti-autoritarismo por excelência e a valorização das pessoas ao máximo. (Um outro aspecto desse curso era sua maneira de se expressar, de se comunicar com as pessoas.) Lembro-me que um dia, numa aula, fez a afirmação categórica **de que o cinema não existia**. E nos deixou às voltas com ela, ninguém entendendo o que estava querendo dizer. E essa forma de expressão, muito paradoxal e em frases sempre bem cunhadas, tinha um impacto muito grande. Sua intenção era mostrar que o cinema não existia, **existiam apenas os filmes**. Era uma maneira de nos conduzir para liquidar qualquer

forma de dogmatismo em relação ao cinema, de preconceitos em relação aos filmes, enfim, de acabar com toda uma formação que pessoas como nós tínhamos adquirido, de que **o cinema era uma coisa e não outra**. E Paulo Emílio nos jogou para uma abertura total, da mesma forma que nos tivesse atirado numa piscina, sem que soubéssemos nadar.

Esse encontro com Paulo Emílio foi, para mim, como o início de uma segunda vida.

Jean-Claude Bernadet, (SP)

Meu encontro com Paulo Emílio deu-se na Universidade, mas a aproximação maior foi por volta de 1975 quando procuramos reerguer a Cinemateca Brasileira. E ele voltou a ficar entusiasmado com esse projeto, depois de 10 anos de abandono, na medida em que viu concretizar-se uma série de aspirações que ele e sua geração nutriam para com a memória cinematográfica brasileira. E começou então a ver a possibilidade de uma geração nova constituir uma Cinemateca nos moldes em que ele imaginava: uma Cinemateca que pudesse cuidar do seu próprio acervo. Uma Cinemateca que possuísse um mínimo de instrumental técnico para poder dedicar-se à reconstituição dos filmes, à salvaguarda do cinema brasileiro, que Paulo Emílio tanto prezava.

Carlos Augusto Calil, (SP)

Meu primeiro contato com Paulo Emílio foi em 1954, por ocasião do Festival Internacional de Cinema de São Paulo. Ele havia chegado recentemente de Paris. Já existia a Filmoteca do Museu de Arte Moderna e já havia sido feita a Retrospectiva do Cinema Brasileiro. Com a chegada de Paulo Emílio parece que as coisas tomaram novo alento. Tudo começou a andar melhor por causa do seu dinamismo e entusiasmo. Começamos então a trabalhar na prospecção de filmes brasileiros. Penso que eu e Paulo Emílio fomos das primeiras pessoas a viajar pelo Brasil à cata de filmes antigos.

Na Cinemateca eu me dedicava exclusivamente ao cinema brasileiro, enquanto Rudá Andrade cuidava do cinema mundial, tudo sob a supervisão de Paulo Emílio. (A princípio ele não se interessava muito pelo cinema nacional e podia-se sentir nele até uma pontinha de desprezo pelos nossos filmes. Depois de seu retorno da Europa, nas noites do Bar do Museu, na rua Sete de Abril, os encontros com Lima Barreto, Cavalcanti e em outros momentos, o convívio com jovens como Maurice Capovilla e Gustavo Dahl provocaram nele a virada definitiva.)

Caio Scheiby, (SP)

Falar sobre Paulo Emílio é lembrar quase toda a adolescência e parte de minha meninice. Eu o conheci em 1929 quando nós entramos juntos para o ginásio Rio

Branco e o cursamos, todo. E foi aí que se firmou a nossa amizade. Num período de muita agitação política, revolução de 1930, revolução de 1932, estudantes na rua, e ele já participando ativamente de todo esse processo. Foi também nesse momento que começou a sua vocação literária, juntamente com a minha. No ginásio, mesmo, nós já fazíamos os nossos jornaizinhos, as nossas conferências e continuamos, assim, juntos, até o fim da vida dele.

Depois, em 1935, com 18 anos, Paulo Emílio lançou-se na carreira literária propriamente dita, isto é, ele era um indivíduo muito mais desembaraçado do que eu, procurou logo os grandes papas do modernismo naquele momento, fez amizade com Mário de Andrade, Oswald de Andrade. A vocação cinematográfica de Paulo Emílio vai-se firmar já na Europa, em 1937, 38, 39, quando ele tem a ocasião de frequentar a Cinemateca Francesa e onde também sofre a influência de Plínio Sussekind Rocha. Posso dizer que minha carreira e a dele correram paralelas, porque mais tarde, ambos colaboramos com a revista "Clima", de 1941 a 1944, agora com as vocações definidas, ele como crítico de cinema e eu, de teatro. Continuamos assim até o momento em que eu dirigi o Suplemento Literário do Estado de São Paulo, a partir de 1956, onde Paulo Emílio passou a colaborar e mais tarde na Universidade de São Paulo, ambos professores da Fa-

culdade de Filosofia Ciências e Letras. Foram quase 50 anos de amizade que nos uniu.

Décio de Almeida Prado, (SP)

Conheci Paulo Emílio Salles Gomes em 1931 quando ele regressou da Europa. Nós éramos estudantes da Faculdade de Filosofia. O encontro se deu por intermédio de Décio de Almeida Prado. Aí, juntos, fundamos a revista **Clima**. É bem verdade que eu já o conhecia antes, de nome: ele era uma espécie de lenda na nossa família na época do Estado Novo. Teve uma ação revolucionária, foi preso e refugiou-se na casa de uma tia avó. Minhas relações pessoais começam nessa data e foram, então, todos esses anos, de uma amizade total, fraterna, que eu não posso evocar sem alguma emoção dado à perda recente que ainda me fere.

Ruy Coelho, (SP)

Conhecemos muito pouco das pessoas. Mesmo daquelas com que prolongadamente convivemos e de cuja intimidade acreditamos desfrutar. E, assim, formamos de certas personalidades imagens ao nosso feitio, perfís inteiramente abstratos, embora tangíveis e coerentes para quem os delineou, baseados que foram em traços concretos, pensamentos expressos, atitudes, fatos registrados. Não se esqueça, por

outro lado, que tais pessoas passam a ser, não somente muito de nós mesmos, mas também os nossos personagens particulares.

E isso me vem à mente, agora, ao pensar em Paulo Emílio Salles Gomes, quando a indulgência de um amigo leva-o a pedir-me um depoimento sobre a sua figura singular de intelectual brasileiro. Intelectual sim, e desde logo exclua-se dessa palavra qualquer conotação formalista, para considerá-la nos seus mais puros aspectos positivos e, no caso, caracterológicos. Pois, talvez por me faltar um aprofundamento maior dos parâmetros vivenciais de Paulo Emílio, sempre o tenha configurado num daqueles "retratos" a que anteriormente aludi, como um perfeito modelo de intelectual, de ideólogo, de estudioso, de um representante do primado do espírito e da cultura sobre quaisquer outros valores. Alguém que um dia dissera a u'a mulher que o amor era demais num destino político. Empostação essa, entretanto, que em nada obscurecia sua riqueza humana: o trato encantador; a especial, mas controlada, sensibilidade; o equilíbrio das posturas e a nobreza de sua personalidade, "malgré lui" — ousaria dizê-lo — aristocrática, no seu melhor sentido e, sobretudo, incompatível com qualquer vulgaridade, que ninguém, aliás, se sentiria tentado a cometer diante de Paulo Emílio.

Quando pensamos em sua exemplar atuação no campo do cinema, esse culto da cultura e do espírito aparece bem delineado. Lembro-me

bem de conversas travadas quando o levamos para a Universidade de Brasília, a organizar as memoráveis séries críticas de seminários da história do cinema, que precederam, fornecendo-lhe base sistemática, o curso de graduação de cinema ali criado, e em cuja estrutura ele permearia toda sua convicção sobre a importância de um sólido lastro teórico para a formação do cineasta profissional.

Comentávamos, então, a diferença palmar da postura dos jovens dos anos trinta e últimos vinte (nós) e dos estudantes da Universidade de Brasília em 64 e 65, em relação ao seu interesse pelo cinema. Os primeiros, voltados para o estudo crítico do cinema, a busca de suas raízes e inserções históricas e do seu conteúdo social, e os segundos, interessados não em “estudar cinema”, mas em “fazer cinema”, todo o grupo de estudantes a voltas com câmeras velhas, material emprestado, e mil arranjos, tentando a todo preço filmar, compor roteiros, realizar, enfim, aquilo que a nenhum de nós, em nosso tempo, sequer passaria pela cabeça: fazer filmes...

É que pertencíamos a uma geração que Mestre Anísio dizia saber “coisas sobre as coisas”, mas não as próprias coisas em si. Muitos anos antes de Brasília, aliás, quando da estada no Brasil de Orson Welles, nas longas conversas com o cineasta, que se prolongavam noites adentro, já nos surpreenderia o que então considerávamos a sua total “ignorância” de cinema... Constatávamos, estupefatos, que



Orson Welles não “sabia nada” de cinema, não tinha visto nada, desconhecia a obra de Chaplin... e toda a já substancial bibliografia do cinema. Saber, entretanto, algo muito mais importante: fazer cinema...

Assim, Paulo Emílio me aparece hoje como a exemplar personalidade daquela geração que começou com o Chaplin Club e que daria, entre outros, os Otavios de Faria, os Plínios Sussekund, os Evaldos Coutinho, os Moniz Viana, os Almeida Salles, coroando com a sua obra de crítica e docência, todo um ciclo do interesse de um setor da inteligência nacional pelo cinema.

Este “causeur” e didata, cujo pudor de ser brilhante não lograva embaraçar-lhe o fascínio da palavra escoreita e antes acrescentava ao seu rigor dialético; este sofisticado que escreveu um livro sobre Jean Vigo, que no Brasil pouquíssimos saberão quem foi; este homem de espírito, de quem tão pouco quiz usufruir a nossa estrutura oficial e mesmo assim ainda nos lega sua extraordinária Cinemateca; este brasileiro, que hoje provavelmente se sentiria como um exilado em sua casa, neste nosso atordoado cenário cultural; este Paulo Emílio que ora nos deixa, eu o vejo como o mais belo representante de uma estirpe profundamente marcada pela sua formação literária e ora

quase extinta. E a propósito de quem, valeria lembrar a amarga reflexão de um dos nossos melhores homens públicos: "Como é difícil servir ao Brasil!..."

Almir de Castro

Ninguém fez do ato de ir ao cinema um exercício ao mesmo tempo tão simples e empenhado como P. E. Salles Gomes. Grande parte de sua vida madura foi passada sob esse estado de espírito. Via os filmes sem solenidade e sem idéias pré-concebidas. Ia "desarmado" ao cinema, como costumava dizer ou escrever.

Ao mesmo tempo, pouca gente foi tão democraticamente íntimo das obras cinematográficas. Tão generosa e franca para com elas ou a respeito delas.

Tudo que escreveu ou falou tem sua marca característica: uma fuga aos esquemas rígidos de aproximação: a inicial preeminência dos sentidos, seguida do aprofundamento crítico. Este, é claro, sempre enriquecido pelas informações de um riquíssimo arcabouço teórico.

Sua morte recente, aos 61 anos, deixou-nos carentes de um espírito que zelasse e desse coerência (como vinha fazendo) a um movimento cultural que teve, entre nós, vida atribulada e muitos momentos de rara importância. Suas preocupações com nosso cinema, apesar de iniciadas tardiamente foram essenciais para a criação dessa consciência crítica que esteve ausente durante muito tempo. Reduziu, através dos contatos com o cinema estrangeiro, a sétima arte

à sua verdadeira grandeza, espécie de épura artístico-sociológica, desprovida do protocolo e da mentira, criados pelo pensamento abstrado ou alienado.

Com formação materialista e pensamento político altamente elaborado, partiu de dados concretos na busca da ficção. O traço humano característico era a generosidade e tanto o homem real quanto o ficcional foram observados sob essa ótica. O encontro do sociólogo com o cinema deu-se com nítida vantagem para o segundo, sempre abordado com a curiosidade de pesquisador e a timidez das pessoas que se encontram diante de um fenômeno novo e importante, revelador de verdades humanas intransferíveis, capaz de representar a História, glosá-la, conservá-la ou mesmo falseá-la. Assumiu, logo, que, como indústria de poderosos, o cinema, no geral, era tributário das outras artes (superando-se em seu próprio seio) e nunca **coisa em si** artisticamente pura como queria a maior parte dos teóricos, seus contemporâneos.

Paulista, político, clássico, humano, moderno, grandioso, suave, eis um perfil **flou** ligado a uma saudade nítida. Uma personalidade insubstituível com a qual, apesar de tudo, a cerimônia era ritual indispensável. O ato de conhecê-lo e conviver com ele transformou-se em experiência vital, realce imprescindível, aventura, enfim, na fronteira obscura do cinema e da vida.

David E. Neves